



Édipo, Odisseu e o retorno da memória¹

Oedipus, Odysseus and the Return of Memory²

Vered Lev Kenaan³

e-mail: vered.lev.kenaan@gmail.com

orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3966-8991>

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v7i1.22448>

Tradução: Marina Albuquerque⁴

e-mail: marinalbuq@gmail.com

orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0389-6482>

RESUMO: A analogia entre Édipo e Odisseu é impressionante e apresenta um caso interessante de intertextualidade, uma vez que sua relação é investigada a partir dos liames entre o enredo do *Édipo Rei* de Sófocles e o episódio da lavagem dos pés de Odisseu, no Canto XIX. Defendo que o Odisseu homérico forneceu a Sófocles um modelo inspirador para imitação: um homem de meia-idade carrega no seu corpo uma marca de infância da qual se manteve alheio por muitos anos. Após vários anos ausente, o retorno ao lar traz consigo o retorno da memória: a traumática escarificação vem à tona. As cicatrizes de Édipo e Odisseu trazem de volta algo que caíra no esquecimento. Voltando à “Cicatriz de Odisseu”⁵ de Auerbach, este artigo aborda a cicatriz como uma junção do esquecimento e da recordação, e mostra como a memória Odisseu e o esquecimento de Édipo estão entrelaçados.

PALAVRAS-CHAVE: Cicatriz de Odisseu; Erich Auerbach; *Mimesis*; analogia; Literatura comparada; *Akedah*; memória de infância; esquecimento; *Édipo Rei*; recalque; identidade judaica.

ABSTRACT: The analogy between Oedipus and Odysseus is striking and provides an intriguing case of intertextuality once their relationship is investigated through the fascinating links that the plot of Sophocles’ *Oedipus Rex* maintains with the episode of the foot washing of the *Odyssey*, Book 19. I argue that the Homeric Odysseus provided Sophocles with an inspiring model for imitation: A middle-aged man carries on his body a childhood scar of which he has been oblivious for many years. After many years of absence, a homecoming brings with it a return of memory: the traumatic scarification begins to surface. Oedipus’ and Odysseus’ scars bring home something that has collapsed into forgetfulness. Returning to Auerbach’s “Odysseus Scar” the article discusses the scar as a junction of forgetting and remembering and show how Odysseus’ memory and Oedipus’ forgetfulness are intertwined.

KEYWORDS: Odysseus’ scar; Erich Auerbach; *Mimesis*; Analogy; Comparative literature; *Akedah*; Childhood memory; Forgetfulness; Oedipus Rex; Repression; Jewish identity

¹ Este ensaio é baseado numa conferência que proferi em abril de 2018, no CMWS em Albuquerque, numa mesa-redonda intitulada “Édipo e seus correspondentes heroicos”. Sou grata aos meus coorganizadores, Emma Scioli e Richard Armstrong, por nossas profícuas discussões.

² A versão original deste artigo, em inglês, pode ser acessada diretamente pelo DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v7i1.22186>

³ Professora de Letras Clássicas e de Literatura Comparada da Universidade de Haifa, Israel.

⁴ Doutoranda no Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil, sob a orientação do Prof. Dr. Henrique Cairus.

⁵ Em língua portuguesa, a tradução de George Bernard Sperber, publicada pela Editora Perspectiva em 1971, consagrou este primeiro capítulo de *Mimesis* com o título de “A Cicatriz de Ulisses”. Todas as citações dessa obra de Auerbach correspondem à sua tradução. Optamos, porém, por traduzir o título do capítulo por “A Cicatriz de Odisseu” (N. T).



Minhas ideias acerca de analogias literárias e comparações começaram a se formar quando, há muitos anos, no Ensino Médio, deparei-me com a *Mimesis*, de Erich Auerbach. No Ensino Médio israelense daquele tempo, com a leitura da obra monumental de Auerbach majoritariamente centrada no primeiro capítulo, “A cicatriz de Odisseu”⁶, que, ao comparar a narrativa bíblica da amarração de Isaac⁷ e o episódio homérico do adulto Odisseu que tem seus pés lavados pela ama de sua infância, nos ofereceu – a jovens estudantes israelenses –, sobretudo, um importante contraste para a história de Isaac. Pediram-nos que seguíssemos a análise de Auerbach, que enfatiza os valores únicos, éticos e metafísicos, da história bíblica do *Akedah* e para observar especificamente como Auerbach explica a relação interna entre o *ethos* bíblico e sua forma estética. Minha primeira impressão do primeiro capítulo de Auerbach era a de que a história bíblica é valorizada e privilegiada em comparação ao conto homérico. Na aula, este último foi de alguma forma deixado de lado, permanecendo inexplorado e, de fato, excluído do escopo do nosso estudo. Para você, minha história pode parecer estranha, com razão. Como uma joia literária, a mais famosa passagem do Canto XIX da *Odisseia*, descrevendo a lavagem dos pés de Odisseu, uma passagem que se tornou uma cena icônica de reconhecimento na história da literatura europeia, pode ser ofuscada e quase suprimida por uma atenção excessiva à história bíblica?

Era evidente para mim, mesmo na época, que faltava algo na nossa leitura do Ensino Médio. A interpretação da analogia de Auerbach não havia sido completamente esgotada. O que me incomodava em primeiro lugar era uma certa contradição, ou melhor, uma inconsistência entre a aparente aceitação da superioridade da representação bíblica e sua fascinação com o episódio homérico da lavagem dos pés, uma fascinação que se declara no nome do capítulo: “A cicatriz de Odisseu”. Se a história bíblica é o centro gravitacional desse capítulo, por que não está refletida no título? Por que “A cicatriz de Odisseu”, e não algo como “O sacrifício de Isaac”?

Auerbach é conhecido como um dos pais fundadores do campo de literatura comparada. E ainda hoje, a partir da leitura de James Porter e outros, sabemos que seu estudo comparativo não é simplesmente o trabalho teórico de um comparativista⁸. A analogia entre Isaac e Odisseu pode ser lida como uma resposta à crise cultural, política, do seu tempo e, além disso, oculta um conflito pessoal de identidade: Auerbach, um judeu refugiado em

⁶ Em língua portuguesa, a tradução de George Bernard Sperber, publicada pela Editora Perspectiva em 1971, consagrou este primeiro capítulo de *Mimesis* com o título de “A Cicatriz de Ulisses” (N. T.).

⁷ “*Binding of Isaac*”, em inglês. A palavra “*binding*”, amarrar imobilizando – ato que precedia a imolação – é usado em inglês para retratar essa narrativa bíblica, tradução próxima do hebraico “*Akedah*” (N. T.).

⁸ PORTER, 2008, p. 115-147.

Istambul – escapando dos horrores da Segunda Guerra Mundial –, é cindido e ambíguo em relação à sua identidade cultural como um judeu europeu. Analogias são essenciais para a narrativa histórica do desenvolvimento construído pela *Mimesis* de Auerbach. De fato, a analogia Odisseu-Isaac aponta para uma diferença crítica, expondo uma divisão cultural. Essa analogia contrasta o estilo homérico asiático com a narrativa do Antigo Testamento e sua recepção judia-europeia, e concomitantemente separa Odisseu de Isaac. O par homérico e bíblico demonstra antiteticamente dois paradigmas, míticos e culturais. E, ainda assim, analogias não apenas distinguem, mas unem, compõem, justapõem e apontam para similaridades. Desse modo, o ato de Auerbach de distinguir a história de Isaac da história de Odisseu encobre ideias que não parecem conscientes em *Mimesis*. Interessante que Auerbach permanece em silêncio quanto à evidente relação entre as duas histórias. Sua analogia evoca ambiguidades. Apesar da sua declaração explícita, o primeiro capítulo de *Mimesis* prova que as duas diferentes histórias têm, na verdade, muito em comum. O método comparativo de Auerbach, portanto, opera similarmente ao inconsciente⁹. Assim como o pensamento espontâneo, a ligação entre Odisseu e Isaac justapõe coisas diferentes sem monitorar suas relações internas ocultas. Como Isaac e Odisseu são similares?

Ambos os heróis sofrem um trauma de infância relacionado à figura paterna. Ambos são heróis marcados, cujas memórias de infância são a chave para decifrar suas identidades cindidas e ambíguas. Devemos notar, no entanto, que Auerbach permanece em silêncio sobre a experiência traumática de infância de Isaac. Além disso, diferentemente da história da cicatriz de Odisseu, a cicatriz de Isaac não deixou uma marca literal, física, no seu corpo. E ainda assim a cicatriz é parte do sacrifício narrativo, já que etiologicamente pode estar relacionada à presença de uma cicatriz simbólica num corpo judeu masculino. O legado da circuncisão pode ser entendido como memorial do evento mítico do *Akedah*¹⁰. Esses pontos semelhantes, no entanto, são deixados de lado na comparação de Auerbach. Sua análise nega a relevância do que torna Isaac um correspondente heroico de Odisseu. Falta algo, portanto, na comparação de Auerbach, e esse elemento ausente é precisamente a ligação ou a lógica por trás da ligação entre as duas histórias. Precisamos, então, investigar a similaridade e afinidade entre Isaac e Odisseu que Auerbach parece ignorar. O elemento faltante, que pode lançar luz sobre o quão semelhante são o Isaac bíblico e o Odisseu homérico, pode ser encontrado na terceira figura mítica grega: Édipo.

Édipo e Odisseu têm muito em comum. Os dois sofreram um grande dano na sua infância. Esses eventos traumáticos de infância deixaram marcas em seus corpos. As cicatrizes aparecem como meios de identificação para aqueles que conhecem Édipo e Odisseu desde a infância. Ao voltar-se para essas cicatrizes como lugares de um passado distante, as histórias de Édipo e Odisseu revelam sua complexa relação com seu passado. Lembrança e

⁹ Para uma ampla discussão sobre a relação entre a analogia e a linguagem do inconsciente, ver LEV KENAAN, Vered. *The Ancient unconscious: psychoanalysis and Classical texts*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

¹⁰ Sobre a leitura de Auerbach do *Akedah* bíblico, em convergência e oposição ao Odisseu ferido de Homero, ver SHAHAR, 2011, p. 604-630.

esquecimento estão, portanto, entrelaçados nas narrativas de Édipo e Odisseu¹¹. O episódio da cicatriz (XIX, 361–475) representa um evento extremamente dramático no enredo da *Odisseia*. Odisseu finalmente volta para casa, depois de vinte anos de ausência, um estranho em casa. Penélope pede a Euricleia, antiga ama de Odisseu, para lavar os pés dele. Enquanto Euricleia prepara a água para a bacia, Odisseu de repente se move para a escuridão com medo de que a antiga ama o reconheça pela cicatriz nos pés. Mas na escuridão, enquanto lava os pés, Euricleia toca a cicatriz com as mãos. Neste momento intenso, o narrador homérico, como Auerbach observa tão apropriadamente, leva a história a uma pausa. Isso acontece exatamente no momento em que os ouvintes estão mais ávidos por saber como Euricleia responderá ao reconhecer Odisseu e se sua reação irá expô-lo publicamente. Mas, em vez de saciar a curiosidade do público e ir ao encontro de suas expectativas, o narrador volta-se para descrever tranquilamente dois episódios do início da vida de Odisseu: a história da nomeação de Odisseu após seu nascimento, e a da caça ao javali.

Auerbach reluta em entender os dois episódios de infância como exemplos da memória de infância homérica. Ele não acredita que esses dois episódios sejam momentos de recordação. De acordo com Auerbach, esses dois episódios não podem ser lembranças porque não estão subordinados a uma perspectiva singular¹². Além disso, ao trazer esses eventos passados para o primeiro plano, sua lucidez, sua visibilidade e sua uniforme integralidade tipicamente homéricas em respeito aos detalhes os desqualificam como lembranças. Por outro lado, para representações de lembrança, os episódios da infância de Odisseu fornecem processos psicológicos sem deixar coisas escondidas e não expressas¹³. Auerbach escreve em conclusão: “[o estilo homérico] só conhece o primeiro plano, só um presente uniformemente iluminado, uniformemente objetivo”:

Mas um tal processo subjetivo-perspectivista, que cria um primeiro e um segundo planos, de modo que o presente se abra na direção das profundezas do passado, é totalmente estranho ao estilo homérico; ele só conhece o primeiro plano, só um presente uniformemente iluminado, uniformemente objetivo¹⁴.

Em outras palavras, a recusa de Auerbach em atribuir ao episódio homérico da cicatriz uma profundidade em perspectiva típica da memória subjetiva está ligada a uma desatenção às relações temáticas entre os episódios homéricos e bíblicos. Auerbach não apenas se recusa a ouvir nos episódios da infância de Odisseu um fluxo subjetivo de associações, mas também coloca entre parênteses, talvez solapando, ou até esquecendo, o

¹¹ Há muito que dizer sobre a relação entre a história da cicatriz e a história do trauma como narrativas de uma experiência tardia. Ver CARUTH, Cathy. *Unclaimed experience: Trauma, narrative, and history*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1996.

¹² Tal subordinação foi deliberadamente evitada: “Isto teria sido muito fácil: teria sido necessário, meramente, começar com a narração da cicatriz dois versos antes, quando da primeira menção da palavra ‘cicatriz’, onde já estão disponíveis os motivos ‘Ulisses’ e ‘lembrança’” (AUERBACH, 1971, p. 5).

¹³ AUERBACH, 1971, p. 4.

¹⁴ *Idem*, p. 5.

efeito traumático que o episódio do sacrifício tem no menino Isaac e no modo como isso moldou suas memórias de infância. A resistência de Auerbach em relacionar essas narrativas antigas de estruturas da memória pode ser desarmada quando se considera os episódios de Isaac e Odisseu em comparação com o trágico Édipo. Mais especificamente, é à luz da elaboração de Sófocles e a adaptação do episódio homérico da cicatriz que as figuras de Isaac e Odisseu tornam-se inter-relacionáveis.

Édipo Rei é um texto fundado no apagamento e no recalque. Seu protagonista, diferentemente de Odisseu, sofre de lapsos de memória. Os sinais de um antigo ferimento marcado no seu corpo de criança são um exemplo obscuro de repressão. Estamos lidando, portanto, com um lembrete de um evento traumático, um evento que pode não ser totalmente apreendido pela criança quando acontece. O que há para ser lembrado de um evento pertencente à infância? Do que o Édipo adulto se lembra com relação ao evento fundador a que ele se submeteu enquanto recém-nascido? Que memória permanece dos seus pais o abandonando, e de que o lembram os sinais da perfuração dos seus pés feita por seu pai? O ato cruel da escarificação perdura como marca no corpo de Édipo, mas seu significado, a experiência vívida de outrora, é completamente removido de sua memória consciente. Apenas em uma cena posterior da peça Édipo é compelido a se lembrar do que já havia sido apagado e borrado. Este não é, claro, um simples caso de recordação. O caso de uma criança ferida é especialmente complicada e não pode envolver uma divisão rígida entre o esquecimento e a lembrança¹⁵. O evento pertence a um estágio tão inicial da vida que é imemorável, antes de mais nada.

A interação entre o esquecimento e a lembrança, que é meu interesse aqui, tem lugar na idade adulta de Édipo e não envolve a experiência primária do trauma. Ela tem relação, na verdade, com a inclinação de Édipo em esquecer a existência da cicatriz, o que demonstra como para ele a cicatriz é um lembrete desagradável de um passado desconhecido:

Mensageiro

Mas fui teu salvador naquele tempo, filho!

Édipo

E que dor eu sofria, quando me pegaste em meus males?

Mensageiro

Podem testemunhá-lo as juntas de teus pés.

Édipo

Ai, ai, que mal antigo é esse que mencionas?

Mensageiro

Soltei-te quando tinhas trespassadas as pontas dos pés.

Édipo

Que horrível afronta levei de meu berço!¹⁶

¹⁵ No caso de uma criança que é vítima, a experiência de trauma envolve “latência”, um termo freudiano, como Cathy Caruth explica, “*is the period which the effects of the experience are not apparent*”, e acrescenta: “*The experience of trauma, the fact of latency, would thus seem to consist, not in the forgetting of reality that can hence never be fully known, but in an inherent latency within the experience itself*”. Ver CARUTH, 1996, p. 17.

¹⁶ SÓF. E. R. 1030-5. Trad. Flávio Ribeiro Oliveira. São Paulo: Ed. Odisseus, 2015.

Ἄγγελος
 σοῦ τ', ὧ τέκνον, σωτήρ γε τῷ τότ' ἐν χρόνῳ.
 Οἰδίπους
 τί δ' ἄλλος ἴσχοντ' ἀγκάλαις με λαμβάνεις;
 Ἄγγελος
 ποδῶν ἂν ἄρθρα μαρτυρήσειεν τὰ σά:
 Οἰδίπους
 οἴμοι, τί τοῦτ' ἀρχαῖον ἐννέπεις κακόν;
 Ἄγγελος
 λύω σ' ἔχοντα διατόρους ποδοῖν ἀκμάς.
 Οἰδίπους
 δεινόν γ' ὄνειδος σπαργάνων ἀνειλόμην.

Quando o mensageiro dirige o olhar de Édipo para os pés como prova de sua real identidade, Édipo responde em horror, traindo assim sua negação, o esquecimento temporário de seus pés marcados que se tornaram um componente integrante do seu ser: “Ai, ai, que mal antigo é esse que mencionas?”. A linguagem de Édipo desconhecidamente dá expressão a uma experiência prelingual. Ele nomeia o originalmente inominável: *kakón*, isto é, ‘mal’ ou ‘calamidade’. Ele intensifica o quão antiga é a cicatriz: *arkhaion kakón*¹⁷. A cicatriz significa para Édipo um lugar além do memorável. Assim, o lembrete do imemorável significa uma volta atrás, expressa na regressão de Édipo. Esse é o momento em que Édipo é endereçado pelo mensageiro como uma criança, *ho téknon*. Sentimentos intensos de medo e vergonha emergem como sintomas da sua regressão. O medo e a vergonha de Édipo não refletem responsabilidade moral pelo terrível ato do passado, o evento de inadvertidamente matar seu pai. Medo e vergonha surgem, estranhamente, em relação à experiência traumática de infância que Édipo ignora completamente e que agora retorna.

Ao ver as cicatrizes como coisas antigas (arcaicas), Édipo parece desculpar seu esquecimento. Ele parece dizer que esquecer sinais de um passado remoto é nada além do esperado¹⁸. E mais, a equação implícita entre dois diferentes modos de se referir a um evento remoto carrega um rastro de negação. O silêncio de Édipo sobre seus tornozelos inchados é particularmente notável à luz do testemunho de Jocasta¹⁹. Como é que a memória dos seus pés feridos não é reavivada quando Jocasta conta para Édipo que Laio perfurou os tornozelos de seu bebê imediatamente após o nascimento?²⁰ O que o esquecimento das suas cicatrizes

¹⁷ *Ibid.* 1033. Outro exemplo de exagero temporal é *palaiás aitias*, *ibid.*, 109.

¹⁸ O uso da linguagem hiperbólica de Édipo é uma expressão do seu inconsciente. Caracterizar a cicatriz como *arkhaion* ou descrever o crime como *palaiás* (SÓF. E. R. 109) permite que Édipo tome distância disso. Esses *adýnata* refletem autoalienação de Édipo e são sintomas de um mecanismo de repressão.

¹⁹ Por volta da linha 1031, Dawe argumenta que “*Sophocles intended his Oedipus to know about his pierced feet. If so,*” e ele continua, “*he ought to have latched on to the vital clue given him by Jocasta at 717-19... but Sophoclean characters in other plays besides this one seem at times to suffer from dramatically convenient transitory amnesia.*”. Dawe parece considerar as manifestações patológicas de amnésia de Édipo como manipulação dramática.

²⁰ SÓFOCLES E. R. 718.

significa, então? Apesar de muitos leitores não atribuírem um inconsciente ao Édipo mítico²¹, o *Édipo Rei* de Sófocles é fundado no esquecimento e na repressão²². O foco no esquecimento dos pés marcados, no entanto, tem a ver, em primeiro lugar e sobretudo, com o nome de Édipo e sua identidade. As cicatrizes em seus tornozelos fornecem respostas fixas para as questões futuras: “quem é você?” e “de onde você é?”. Mas a negação da existência de cicatrizes persiste ao longo da peça.

Uma cicatriz é um sinal antigo, uma ferida que se cicatrizou e se fundiu com a superfície da pele. Uma cicatriz é a junção do esquecimento e da lembrança. Na *Odisseia*, a cicatriz tem uma função mnemônica na cena de reconhecimento. A cicatriz homérica é um *sêma*, que conecta etimologicamente o sinal a um pensamento, *nóos*, e ao retorno a casa, *nóstos*²³. A cicatriz leva para casa algo que havia caído no esquecimento. Assim, a cicatriz de Odisseu é o gatilho para um retorno a casa, através de uma digressão:

Isso disse ele; a bacia brilhante ela, logo, segura,
na qual os pés costumavam lavar, e deitou bastante água
fria, ajuntando, em seguida, água quente. Odisseu, entretanto,
longe do lar se assentou, procurando ficar mais na sombra,
pois receou que Euricleia, ao tocar-lhe na perna, pudesse
a cicatriz conhecer e, assim, tudo ficar descoberto.
Aproximando-se dele, a ama pôs-se a lavá-lo; mas logo
a marca viu, conhecendo-a, que um porco-do-mato causara,
quando ele a Autólico e aos filhos outrora visita fizera,
lá no Parnaso...²⁴

ὥς ἄρ' ἔφη, γρηῦς δὲ λέβηθ' ἔλε παμφανόωντα
τοῦ πόδας ἔξαπένιζεν, ὕδωρ δ' ἐνεχεύατο πουλὺ
ψυχρόν, ἔπειτα δὲ θερμὸν ἐπήφυσεν. αὐτὰρ Ὀδυσσεὺς
ἴζεν ἐπ' ἐσχαρόφιν, ποτὶ δὲ σκότον ἐτράπειτ' αἴψα:
αὐτίκα γὰρ κατὰ θυμὸν ὄϊσατο, μὴ ἐλαβοῦσα
οὐλήν ἀμφράσσαιτο καὶ ἀμφαδὰ ἔργα γένοιτο.
νίξε δ' ἄρ' ἄσσον ἰοῦσα ἄναχθ' ἑόν: αὐτίκα δ' ἔγνω
οὐλήν, τήν ποτέ μιν σῆς ἤλασε λευκῶ ὀδόντι
Παρνησόνδ' ἐλθόντα

Odisseu sucumbe ao encontro com sua antiga ama, Euricleia, um encontro que une o estranho e o familiar, o passado e o presente. Pouco antes de lavar seus pés, Euricleia percebe que o estrangeiro carrega uma semelhança impressionante com Odisseu: “Mas

²¹ Ver, por exemplo, “*Oedipus without the Complex*”, de Jean-Pierre Vernant, em VERNANT & VIDAL-NAQUET, 1988, p. 85-112.

²² O mecanismo de repressão protege Édipo e Jocasta, pois assim que a memória do trauma penetra suas memórias conscientes, ela causa um acesso de violência incontrolável contra si mesmos: Jocasta se enforca, e Édipo se cega. Sou grata a Noga Weiss por esta observação.

²³ Sobre a relação entre *sêma*, *nóos*, e *nóstos*, ver NAGY, 1990, p. 202-222.

²⁴ *Od.* XIX, 386-394. Todas as citações da *Odisseia* correspondem à tradução de Carlos Alberto Nunes (N. T.).

nunca vi semelhança tão grande como essa que mostras / com Odisseu [...]” (*Od.* XIX, 380-381). Essa tríade com o clímax especificando os pés, não a forma ou a voz, mostra que os pés são o local primeiro de identificação e reconhecimento. O encontro com seus pés, no entanto, não é imediato; leva tempo, e acontece em níveis. A existência da cicatriz paira, aparece não como um objeto do pensamento, mas como uma lembrança involuntária, um eco do passado. Mal a cicatriz deixou uma leve impressão na memória, Ulisses, afastando-se da lareira, consegue escondê-la na escuridão (*Od.* XIX, 390-391). A cicatriz é escondida assim que se torna objeto do pensamento. Consequentemente, quando a cicatriz figura como um objeto físico e tangível no campo sensual da experiência, isso evoca a memória de sua criação (*Od.* XIX, 393). Apenas quando a cicatriz está presente como um objeto integral do corpo, corrente e tangível, ao ser tocada, evoca a memória de sua criação, e ressuscita a experiência de criança.

De fato, como mostra Auerbach, a emergência da cicatriz traz algo sobre a digressão. Para Auerbach, significa que o passado narrado “preenche completamente o presente²⁵”. A fusão do passado com o presente – o que para Auerbach é inerente à estrutura homérica da digressão – explica no nosso contexto a sua conectividade com a estrutura temporal e peculiar da regressão psicanalítica: a digressão homérica é um retorno a um estágio inicial, e a digressão do Canto XIX é uma reencenação de uma memória infantil. Quando Auerbach descreve como a narrativa digressiva detalhada conquista o leitor, fazendo com que ele esqueça o que acabou de acontecer durante a lavagem dos pés, ele faz a Euricleia idosa e o Odisseu de meia-idade desaparecerem de cena e darem espaço para seus “eus” passados: a jovem Euricleia e o bebê Odisseu. Assim, a caracterização de Auerbach convida a uma leitura da digressão homérica como regressão.

Algo some da cena da lavagem dos pés e permite que uma antiga memória tome o seu lugar. O cenário atual prepara o lugar para uma cena primária, e o presente se dissolve no passado. Para compreender o afeto mnemônico do episódio homérico da lavagem dos pés, e especialmente sua complexa forma de temporalidade, precisamos atentar cuidadosamente para o som da água que cai. Precisamos atentar para a mistura da água fria com a quente enquanto enchem a bacia escorregadia. A água enchendo a bacia traz à tona uma associação, ou até uma memória difusa, de um lugar semelhante a um útero, o lugar de crescimento fetal, do qual um bebê emergirá à luz do mundo. A íntima proximidade de Odisseu com sua ama, seu entusiasmo de ter os pés banhados pelas velhas mãos dela, não apenas acelera o nascimento imaginário de um bebê, mas também permite o surgimento da memória. A recuperação da memória está conectada à reconstrução de um hábito passado e sua tradução para o presente: a imagem da Euricleia idosa preparando o banho de pés reencena um ritual diário da infância e da juventude de Odisseu: ela se comporta agora como então, quando costumava banhar a criança e, com o tempo, o jovem homem da família. O foco nas ações diárias da mulher idosa é o que atíça involuntariamente pensamentos sobre a cicatriz dos seus pés, como se eles fossem de repente retirados das profundezas do esquecimento.

²⁵ AUERBACH, 1971, p. 3.

Na *Odisseia*, a descoberta da cicatriz desperta duas bem antigas e relacionadas lembranças da infância. A primeira é relativa ao nascimento de Odisseu em Ítaca, enquanto a segunda retoma um acontecimento da puberdade de Odisseu, no monte Parnaso, onde seu avô materno viveu. Trazer essas memórias para o primeiro plano, Auerbach argumenta, depende do movimento digressivo produzido pela descoberta da cicatriz. O narrador contra uma história conhecida por Odisseu desde a infância. Euricleia a deve ter frequentemente contado para ele. O pai de sua mãe, Autólico, estava visitando o palácio em Ítaca quando a notícia do nascimento do seu neto lhe foi transmitida. Com Autólico presente, a ama de leite, Euricleia, pegou o menino no colo para ele receber seu nome. O avô prometeu que quando o bebê crescesse e viesse visitá-lo no monte Parnaso, ele lhe daria muitos presentes. Essa memória revive dois aspectos da identidade de Odisseu: o domesticado e o selvagem. Na ilha de Ítaca, cercada pelo mar, em casa, no colo caloroso de uma mulher, ele recebe o nome de seu feroz avô – Odisseu, que significa “o que tem ódio”. O avô, um homem das montanhas selvagens que vive com seus fortes filhos caçadores no monte Parnaso, faz uma visita surpresa e põe sua marca no futuro do bebê, quando ele ainda está pacífica e alegremente sendo nutrido, dando-lhe um nome e uma promessa. É uma lembrança de uma conexão significativa entre o neto e o avô. Essas lembranças (como livres associações) tecem uma relação entrelaçada entre vários pontos de vista no presente e no passado. A memória infante de Odisseu é inseparável das memórias da sua puberdade, e a memória de visitar o Parnaso está ligada à perspectiva presente de Odisseu em Ítaca, como um estranho em sua própria terra. A mera aparição da cicatriz à luz significa que esse complexo entrelaçamento de camadas temporais está tecido em conjunto. O texto homérico liga os dois sinais, a cicatriz e o nome de Odisseu, e assim apresenta suas ocorrências diferentes no passado como inter-relacionadas. Na terminologia freudiana do sonho, o evento da cicatriz e o de nomeação estão sobrepostos.

Tendo alcançado a puberdade, Odisseu primeiro viajou para longe da casa de seus pais, para a morada de seu avô nas montanhas, “por causa, pois, dos presentes” (XIX, 413). Essa jornada, a realização de uma promessa antiga de um avô distante, além da realização do desejo de um neto, acaba por ser uma iniciação brutal, cujas impressões virão a ser reprimidas na mente de Odisseu adulto. A memória da jornada contém uma cena difícil (e reprimida) que será compensada pelos desejáveis presentes de seu avô. Receber esses presentes passa a ser condicional à prova da virilidade de Odisseu. A cerimônia de iniciação, especialmente a partir de um ponto de vista moderno, envolve abuso severo pelo homem da família. Não há nada de agradável na memória do teste de masculinidade que espera por Odisseu em sua chegada à casa de seu avô e de seus tios selvagens. O menino que surge no palco da memória de Odisseu veio do ambiente feminino protetor de sua mãe e de sua ama. Sendo assim, o encontro entre Odisseu jovem e a família de sua mãe é descrito como uma celebração, mas é impossível não captar uma impressão diferente e assustadora, através dos olhos da criança, um ponto de vista que apenas a regressão pode trazer à tona. É certamente a experiência de Odisseu, o homem-menino, que é reencenada agora, em Ítaca, décadas depois. O menino é enviado a um lugar estranho para encontrar um grupo de homens audaciosos que ele não conhece. A memória desvela um local silvestre que, para os leitores

modernos, ressoa como o que Freud, em *Totem e tabu*, identifica como experiência primordial. Do ponto de vista da criança, como isso é agora reestruturado no texto homérico, ele toma parte num banquete centrado na matança cruel de um boi de cinco anos de idade. O abate é descrito em detalhe, mas diferente de outras descrições de sacrifício na poesia homérica, aqui a descrição está subordinada ao ponto de vista de uma criança pequena que assiste ao abate aterrorizada: o animal é esfolado e esquarterado no centro do círculo de tios, que pegam e queimam suas partes em espetos (XIX, 420-427). De manhã, o teste da virilidade do menino alcança o clímax quando ele se junta à caça do javali selvagem. Os homens chegam até a profunda escuridão da floresta, onde o olho de Hélio, o deus do sol, nunca alcança:

Um javali vigoroso se achava na mata escondido,
onde nos úmidos ventos o sopro atingir não podia,
nem com seus raios brilhantes o Sol o local clareava,
nem mesmo a chuva até lá penetrava, por tal modo unidos
eram os galhos, e tantas as folhas, em montes, no solo.

ἔνθα δ' ἄρ' ἐν λόχῃ πυκινῇ κατέκειτο μέγας σῦς:
τὴν μὲν ἄρ' οὔτ' ἀνέμων διάει μένος ὑγρὸν ἀέντων,
οὔτε μιν Ἥλιος φαέθων ἀκτίσιν ἔβαλλεν,
οὔτ' ὄμβρος περάσσκε διαμπερές: ὧς ἄρα πυκνὴ
ἦεν, ἀτὰρ φύλλων ἐνέην χύσις ἥλιθα πολλή.²⁶

É aqui que a criança é trazida, onde ele tenta provar que é merecedor de pertencer à sociedade dos caçadores. Ele arremessa a lança, matando o javali, mas não antes de ter a perna rasgada, deixando-o ferido e sangrando. A criança é mandada para casa apenas após seu avô e tios terem-no curado. De volta à casa de seus pais, eles querem saber o motivo do ferimento, testemunho de uma lembrança fresca, a história ainda facilmente contada (XIX, 444-466)²⁷. As duas lembranças da infância e da juventude estão entrelaçadas e não permitem uma narração simples, linear e sequencial de um ponto de vista.

A analogia entre Édipo e Odisseu pode ser produtiva a partir do momento em que começamos a explorar as ligações intertextuais entre o enredo do *Édipo Rei* de Sófocles e o episódio da lavagem dos pés no Canto XIX da *Odisseia*. O Odisseu homérico forneceu a Sófocles um modelo inspirador para a imitação: em ambas as narrativas um homem de meia-idade vive com uma manifestação corporal de uma ferida primitiva – uma cicatriz de infância –, da qual se manteve esquecido por muitos anos. Depois de se ausentar por anos, um retorno à casa traz consigo um retorno da memória: a escarificação traumática começa a emergir. Conexões similares emergem ao explorarmos a analogia de Auerbach. Quando

²⁶ *Od.* XIX, 439-443.

²⁷ Lillian Doherty lê a caça ao javali como um “*mise en abyme in that it recapitulates in a single adventure the essential elements of Odysseus' entire 'career'*”. Ver, da autora, *Siren songs: gender, audiences, and narratives in the Odyssey* (1995, p. 156).

Auerbach compara a cicatriz de Odisseu à amarração de Isaac, sua depreciação do “estilo asiático” de Homero não consegue extinguir (ou ocultar) sua fascinação pelo episódio da cicatriz. Além disso, isso abre sua própria análise comparativa para a possibilidade de refletir uma abordagem subjetiva-perspectivista. A condição moderna de Auerbach é aberta para a memória arcaica do sacrifício planejado do filho. Quando consideramos como sua análise esconde similaridades entre Isaac e Odisseu, como ignora sua relação edipiana, a análise comparativa de Auerbach revela sua profundidade perspectiva. Apesar de Auerbach não mencionar as íntimas relações entre os dois protagonistas míticos e culturalmente separados, essas relações estimulam a memória de suas próprias cicatrizes pessoais. Lá, em Istambul, mais próximo agora da paisagem antiga e mítica de Isaac e Odisseu, a memória dolorosa de Auerbach como um estudante judeu de meia-idade, um refugiado da Europa, é despertada.

Referências bibliográficas:

- AUERBACH, E. *Mimesis: The Representation of Reality in Western Literature*. Princeton: Princeton University Press, 1974.
- CARUTH, C. *Unclaimed Experience: Trauma, Narrative, and History*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1996.
- DOHERTY, L. *Siren Songs: Gender, Audiences, and Narratives in the Odyssey*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1995.
- HOMER. *Odyssey*. Translated by James Huddleston, 2006. Electronic edition: <http://digital.library.northwestern.edu/homer/>.
- HOMERO. *Odisseia*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro, 2001 [1941].
- LEV KENAAN, V. *The Ancient Unconscious: Psychoanalysis and Classical Texts*. Oxford: Oxford University Press, 2019.
- NAGY, G. *Greek Mythology and Poetics*. Ithaca: Cornell University Press, 1990.
- PORTER, J. “Erich Auerbach and the Judaizing of Philology”. *Classical Inquiry*, 35.1, 2008, pp. 115-147.
- SHAHAR, G. “Auerbach’s Scars: Judaism and the Question of Literature”. *The Jewish Quarterly Review*, 101, 2011, pp. 604-630.
- SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Trad. Flávio Ribeiro Oliveira. São Paulo: Ed. Odysseus, 2015.
- SOPHOCLES. “Oedipus the King”. In: _____. vol. 1. With an English translation by E. Storr. Cambridge: Harvard University Press, 1912.
- _____. *Oedipus Rex*. Commentaries by DAWE, R. D. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- VERNANT, J.-P. “Oedipus without the Complex”. In: _____. & VIDAL-NAQUET, P. *Myth and Tragedy in Ancient Greece*. 2. ed. Translated by Janet Lloyd. New York: Zone Books, 1988, pp. 85-112.

